

O Clube das Crianças: articulações entre a Música na infância e a Educação enquanto bem comum

Vivian Dell' Agnolo Barbosa Madalozzo

Universidade do Minho
orcid.org/0000-0001-8852-8659
vivian.agnolo@gmail.com

Tiago Madalozzo

Pesquisador Educamovimento/NEPIE-UFPR e GAEFO-Unespar
orcid.org/0000-0002-0799-0719
tmadalozzo@gmail.com

Natália Fernandes

Universidade do Minho
orcid.org/0000-0001-7697-4803
natfs@ie.uminho.pt

Joana R. Casanova

Universidade do Minho
orcid.org/0000-0003-0652-3438
joanacasanova@ie.uminho.pt

MADALOZZO, Vivian D. A. B.; MADALOZZO, Tiago; FERNANDES, Natália; CASANOVA, Joana R. O Clube das Crianças: articulações entre a música na infância e a educação enquanto bem comum. *Revista da Abem*, [s. l.], v. 32, n. 1, e32104, 2024.





O Clube das Crianças: Articulações entre a Música na infância e a Educação enquanto bem comum

Resumo: O projeto de investigação-ação “Clube das Crianças” desenvolveu-se em um contexto de educação não formal no norte de Portugal, com crianças de 8 a 10 anos, em 2022. A ação integrou o Projeto SMOOTH, financiado pela União Europeia, tendo como objetivo central refletir acerca do potencial da Educação enquanto bem comum para combater as desigualdades em grupos vulnerabilizados, por meio da promoção do diálogo intercultural e intergeracional e do desenvolvimento de habilidades sociais e pessoais para a criação de espaços de cidadania democrática baseados em igualdade, colaboração, compartilhamento e cuidado. O presente artigo explora como essas premissas epistemológicas da Educação enquanto bem comum se alinham a uma perspectiva crítica da infância e a uma visão contemporânea de Educação musical na infância, a fim de compreender as relações sociais que se desenrolam em práticas musicais no contexto de um projeto como este. Os resultados apontam para a importância da co-construção de espaços e tempos em que as crianças sejam sujeitos ativos em suas práticas musicais nesse cenário. Discutimos aspectos de um trabalho musical criativo – a troca, a criação coletiva, a partilha aberta, a diversidade e a liberdade – e a sua associação com os valores da Educação enquanto bem comum –, uma prática social mais livre, igualitária, aberta, diversa, justa e colaborativa – para sustentar que há uma convergência entre estas teorias e práticas. Isso permite afirmar que os pressupostos da Educação enquanto bem comum oferecem um potencial contributo para a compreensão da Educação musical em projetos desta natureza.

Palavras-chave: infância; educação; bem comum; inclusão; música.

The Children's Club: Articulations between Music in childhood and Education as a common good

Abstract: The action research project "Children's Club" Took place in a non-formal education context in northern Portugal, involving children aged 8 to 10, in 2022. This initiative was integrated within the SMOOTH Project, founded by the European Union, with the central aim of reflecting on the potential of Education as a common good in addressing inequalities among vulnerable groups, through the promotion of intercultural and intergenerational dialogue, as well as the development of social and personal skills to create spaces of democratic citizenship founded on principles of equality, collaboration, sharing, and care. This article explores how the epistemological premises of Education as a common good align with a critical perspective of childhood and a contemporary view of Music Education in early childhood, aiming to comprehend the social dynamics that unfold within musical practices in this project. The findings underscore the significance of co-constructing spaces and times wherein children act as active agents in their musical practices within this setting. We discuss aspects of creative musical work – exchange, collective creation, open sharing, diversity, and freedom – and their association with the values of Education as a common good – a more liberated, egalitarian, open, diverse, just, and collaborative social practice – arguing that there is a convergence between these theories and practices. This allows us to state that the assumptions of Education as a common good offer a potentially valuable contribution to the understanding of Music Education in this type of project.

Keywords: childhood; education; commons; inclusion; music.

El Club de los Niños: Articulaciones entre la Música en la infancia y la Educación como bien común

Resumen: El proyecto de investigación-acción "Club de Niños" se desarrolló en un contexto de educación no formal en el norte de Portugal, con niños de 8 a 10 años, en 2022. Esta iniciativa se integró en el Proyecto SMOOTH, financiado por la Unión Europea, con el objetivo central de discutir sobre el potencial de la Educación como bien común para abordar las desigualdades en grupos vulnerables. Esto se logró a través de la promoción del diálogo intercultural e intergeneracional, así como el desarrollo de habilidades sociales y personales para crear espacios de ciudadanía democrática basados en principios de igualdad, colaboración, compartición y cuidado. Este artículo explora cómo estas premisas epistemológicas de la Educación como bien común se alinean con una perspectiva crítica de la infancia y una visión contemporánea de la Educación musical en la infancia, con el fin de comprender las dinámicas sociales que se despliegan en prácticas musicales en el contexto de un proyecto como éste. Los resultados indican la importancia de co-construir espacios y tiempos en los que los niños actúen como agentes



activos en sus prácticas musicales en este contexto. Debatimos aspectos del trabajo musical creativo - como el intercambio, la creación colectiva, la compartición abierta, la diversidad y la libertad - y su asociación con los valores de la Educación como bien común - una práctica social más libre, igualitaria, abierta, diversa, justa y colaborativa. Esto nos permite afirmar que los presupuestos de la Educación como bien común ofrecen una contribución potencialmente valiosa para la comprensión de la Educación musical en este tipo de proyecto.

Palabras clave: infancia; educación; bien común; inclusión; música.

Apontamentos iniciais

Refletir sobre a infância e a música se baseia em um exercício interdisciplinar: reconhecer que a música é um elemento fundamental das culturas infantis, tendo significativo papel na maneira como as crianças interpretam o mundo e nele produzem cultura, parte de um entrelugar de convergência da Educação musical com os Estudos da criança. Camargo e Garanhani (2022, p. 12) afirmam que uma das estratégias para se pensar em novas práticas escolares na infância é a diluição das fronteiras disciplinares; no caso da música, e em um contexto escolar caracterizado por inclusão, isso se torna evidente, e essa é a proposta teórica deste texto.

Temos por objetivo discutir os pressupostos epistemológicos da Educação enquanto bem comum, de modo a articular tais temas a uma visão crítica de infância, a fim de compreender as relações sociais que se desenrolam em práticas musicais. Para tanto, partimos de uma proposta de investigação-ação no âmbito do "Clube das Crianças" do Projeto SMOOTH, em Portugal.

O Projeto SMOOTH – *Educational Commons and Active Social Inclusion*, financiado pela União Europeia no Horizonte 2020 –, Programa de Investigação e Inovação, acontece entre 2021 e 2024, contando com a participação de equipes de investigação acadêmica de oito países europeus, baseando-se em conceitos-chave da Educação enquanto bem comum. O projeto assume dimensões como a liberdade coletiva, a experimentação, a participação igualitária, a solidariedade, a união, o cuidado e a partilha, procurando trazer compreensão, desenvolver e acelerar o potencial impacto da educação na redução das desigualdades e para a promoção da inclusão social ativa de crianças e jovens. Para isso, prevê a articulação de processos colaborativos entre crianças e adultos para a criação de

espaços comuns que permitam a coprodução de conhecimento – uma governança compartilhada no contexto da escola (Educational Common Spaces, 2021, p. 1).

Nosso foco analítico se enquadra no "Clube das Crianças", nome que designa o espaço construído de maneira coletiva e colaborativa por crianças e adultos em uma escola na cidade de Guimarães, quando a música se tornou parte das propostas de intervenção realizadas junto ao grupo, entre setembro e dezembro de 2022.

Para além do enquadramento teórico citado, destacamos nosso posicionamento – enquanto pesquisadores e professores – de que um novo contrato social para a educação passa pelo direito à educação e pelo questionamento das dificuldades de acesso a uma educação de qualidade e equitativa para todos, como prevê o Relatório da Comissão Internacional sobre os futuros da Educação da UNESCO (2022). Neste documento, "o princípio da educação como bem comum está inextricavelmente conectado à responsabilidade global" (UNESCO, 2022, p. 134), e é a partir desses apontamentos e das convergências entre a Educação enquanto bem comum e a Educação musical, e entre a cidadania ativa e os projetos sociais, que apresentamos nossa argumentação.

Iniciamos o texto apresentando conceitos de infância e de Educação enquanto bem comum para em seguida estabelecer um diálogo com a música, considerando-a bem comum no contexto da escola. A seguir, discutimos a convergência entre os conceitos estudados tendo por base a investigação-ação realizada no Clube das Crianças. Por fim, refletimos sobre as implicações teóricas para práticas pedagógicas futuras e para uma ampliação conceitual sobre a Educação musical em projetos como este.

Infância e os processos de construção de conhecimento

A infância tem sido, nas últimas décadas, alvo de contributos interdisciplinares significativos, que têm vindo a potenciar uma imagem renovada das crianças enquanto sujeitos ativos e políticos. Da imagem da criança enquanto objeto, que marcou durante muitos séculos o modo como as crianças



permaneceram invisibilizadas em perspectivas adultistas, à imagem da criança sujeito, um longo caminho tem vindo a ser construído.

Neste processo, têm sido fundamentais os esforços para envolver as crianças nos processos de construção de conhecimento que lhes digam respeito, de modo que se atinja uma justiça cognitiva global (Santos, 2018), ou seja, a necessidade de considerar a diversidade de produção de conhecimento não subalternizado ou marginalizado o saber das populações historicamente silenciadas. No caso das crianças, é muito importante trazer esta dimensão de invisibilidade, que marcou durante muito tempo os processos de construção de conhecimento, falando assim de injustiça cognitiva geracional¹ (Fernandes, 2022), uma impossibilidade de se considerar as crianças sujeitos legítimos nos processos de construção de conhecimento acerca de si.

O que propomos é que a infância seja reconhecida pela alteridade das crianças por relação com os adultos, mas também entre as próprias crianças. Esse reconhecimento é, simultaneamente, um recurso valioso e um desafio nos processos de investigação, exigindo que os adultos mobilizem uma imaginação metodológica significativa, admitindo as interdependências entre os universos das crianças e dos adultos. Por outro lado, isso requer articulações criteriosas entre as dimensões epistemológica e metodológica, de modo a garantir que

quando as crianças são vistas como titulares de direitos, não são somente reconhecidas como sendo capazes, mas também como tendo o direito de estar envolvidas nestes processos, com um concomitante dever dos adultos em assegurar que o seu direito a expressar as suas perspectivas e influenciar as suas vidas é respeitado² (Lundi; McEvoy, 2011, p. 129-130).

Entretanto, esse desafio se depara com relações de poder e hierarquias que não podem ser negligenciadas. Essas dinâmicas exigem uma vigilância epistemológica para evitar que se perpetuem como obstáculos à visibilidade das crianças nas pesquisas. A participação das crianças, tanto como cidadãs em um sentido mais amplo quanto como sujeitos participantes nos processos de pesquisa,

¹ Definição baseada no conceito de justiça cognitiva global defendido por Santos (2018).

² "[...] when children are viewed as rights-holders they are not just recognized as able to but also as entitled to be engaged in this process, with a concomitant duty on the adults working with them to ensure that their right to express their views and influence their own lives is respected". Tradução nossa.

muitas vezes é prejudicada pela persistente associação com noções de dependência, imaturidade e uma voz de pouca relevância. Vários autores enfatizam a necessidade de se acionar essa vigilância, argumentando que o poder intergeracional é multifacetado e distribuído de maneira variável entre as crianças e entre as crianças e os adultos, conforme defendido por Wyness e Jørgensen (2021). Os autores afirmam que as relações de poder se dão por meio de elementos materiais e discursivos que evidenciam diferenças intrageracionais nas quais as crianças têm um papel de mediadoras. Defendem, portanto, uma perspectiva multidimensional, procurando superar uma concepção binária (adultos tendo "poder sobre" as crianças ou o contrário) sobre as relações de poder intergeracionais (Wyness; Jørgensen, 2021).

Tesar (2017) também argumenta que, no contexto das relações de poder, existem ideologias, resistências e posições que os indivíduos ocupam, contribuindo para a configuração de cenários nos quais as crianças são influenciadas na forma como moldam (ou não) suas subjetividades. É crucial que os adultos que desempenham o papel de pesquisadores sejam vigilantes quanto à sua própria posição. Isso é fundamental para adotar abordagens mais dinâmicas e relacionais nas relações de poder e às possibilidades de produção de voz. Nesse sentido, Wyness (2013) argumenta que quanto mais "autêntica" for a voz das crianças, mais o equilíbrio de poder se distanciará do pesquisador adulto.

Acrescentaríamos que essa abordagem também promove uma maior diluição das fronteiras em relações dialógicas e horizontais entre adultos e crianças, e que se assume, no texto que aqui apresentamos, como uma condição básica para conceber processos educativos com crianças em que as dimensões de participação, inclusão, partilha e cuidado sejam respeitadas e desenvolvidas. Trata-se de conceber, em síntese, a criança como sujeito ativo em processos educativos que vão ao encontro do proposto pelos teóricos que defendem a Educação como um bem comum, aspecto de que trataremos em seguida.

A Educação enquanto bem comum

O termo "bem comum" evoluiu ao longo do tempo, assumindo diferentes significados (Korsgaard, 2019; Pato *et al.*, 2013). Em certos momentos da história, a expressão foi associada a interpretações influenciadas pela economia neoliberal,

que promoviam a globalização como algo comum, mas que estava principalmente ligado aos interesses empresariais e ao lucro (Kostakis e Bauwens, 2019). Essa abordagem enfatizava a individualização e afastava as pessoas da participação na vida política e coletiva (Pechtelidis e Kiouпкиolis, 2020).

No entanto, autores como Pato *et al.* (2013) e Korsgaard (2019) apresentam uma perspectiva diferente dos bens comuns, que são entendidos como recursos compartilhados por todos, com base no apoio mútuo, no diálogo intergeracional, na resolução de conflitos e na construção de sistemas que permitem a partilha de recursos. Essa abordagem serve como base para a construção coletiva, implicando uma sociedade democrática e sustentável em constante transformação.

Neste sentido, considerar os "bens" disponíveis para a comunidade implica necessariamente pensar, sentir e agir coletivamente, garantindo que todos tenham as condições necessárias para exercer integralmente seus direitos em pleno respeito pela dignidade humana.

Os bens comuns, como uma forma social, permitem que as pessoas experimentem a liberdade sem prejudicar os outros, buscando o equilíbrio de recursos e contribuindo para comunidades empoderadas, unidas e com um forte senso de pertencimento. Desta forma, será possível mitigar desigualdades muitas vezes perpetuadas ao longo de décadas, alimentadas por mecanismos de reprodução das desigualdades, que importa interromper. A educação será, na sua expressão formal, não formal e informal, o meio privilegiado para tal.

Entender a educação enquanto um bem comum implica considerar um sistema comum de leis e governança que envolva todos os grupos sociais e um compromisso com os valores que sustentam o ideal pluralista (Halsted, 1996). A educação se torna o meio primordial para dar voz às necessidades de todos e estabelecer metas que promovam a igualdade de oportunidades, independentemente de origens, situação socioeconômica, raça, religião, gênero ou qualquer outra característica que possa levar à discriminação ou à exclusão.

De acordo com a OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico –, a participação ativa desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de atitudes, comportamentos e habilidades necessárias para o trabalho em equipe, comunicação, resolução de conflitos e no cultivo de uma

consciência crítica para abordar questões sociais e ambientais, contribuindo assim para a melhoria da sociedade e sua sustentabilidade ambiental (OECD, 2018).

O Projeto SMOOTH adota, portanto, abordagens horizontais e democráticas baseadas na comunidade, que visam reverter as desigualdades. O conceito de reversão de desigualdades se baseia na crença fundamental de que todos os indivíduos, independentemente de sua idade, têm o direito e o conhecimento necessários para participar dos processos de tomada de decisão em relação a aspectos significativos de suas vidas, e isso é crucial para capacitar as crianças e promover seu envolvimento ativo na vida pública, contribuindo para seu bem-estar e inclusão social. Entre os conhecimentos de que as crianças dispõem, a música se apresenta como uma possibilidade de trabalho relevante para os objetivos da Educação como bem comum.

A música e as culturas infantis na escola

A partir do conceito de criança que apresentamos anteriormente, e tendo em vista que a presença da música em propostas pedagógicas no âmbito do Projeto SMOOTH teve por objetivo trabalhar as dimensões da Educação enquanto bem comum, entendemos que a música precisa de uma definição abrangente para dar conta da multiplicidade de expressões artísticas que configura na infância e no contexto de um projeto como esse.

Admitimos que a música na infância se refere a um conjunto complexo de modos de manifestação artística: a linguagem, o movimento e a música, centralizadas na corporalidade (Cubasch, 1999, p. 1; 5), o que expande nosso olhar – e nossa escuta – para práticas que vão além das vocais ou com instrumentos musicais. Compreender que a música na infância é uma soma de expressões artísticas nos permite afirmar que ela tem papel de destaque entre as maneiras pelas quais as crianças compreendem e atuam no mundo; por isso mesmo, as crianças "são" música no seu dia a dia (Madalozzo, 2022, p. 58), em vivências acessadas por meio do corpo em movimento (Camargo; Garanhan, 2022).

Os Estudos da criança consideram esta como produtora de cultura, assim, a música faz parte das culturas infantis, entendidas como processos de significação e de interação das crianças com o mundo (Sarmiento, 2021, p. 181). A partir destas



duas palavras, “significação” e “interação”, a música assume dois significados no âmbito das culturas infantis: por um lado, como uma interface com o rico universo sonoro e musical que rodeia as crianças (uma dimensão de compreensão do mundo); por outro, como uma forma de expressão (uma dimensão de produção cultural) (Madalozzo, 2023, p. 205). É nesse sentido que sustentamos uma importância para a música na vida das crianças que vai muito além de aspectos pedagógicos restritos ao espaço escolar.



Figura 1 – Práticas com música e movimento no projeto. Fonte: acervo dos autores.

Em sua atuação no cotidiano e na escola, a criança demonstra um modo ativo, inventivo e criativo de ser e estar no mundo sonoro e musical (Madalozzo, 2023, p. 204). Esta criatividade associada à música pode ser definida em palavras-chave como a expressão, a liberdade, a imprecisão, a exploração, a aleatoriedade e a descoberta musical, pois são muitos os modos como a criança faz "música" – quando a consideramos na visão ampla que inclui o movimento do corpo e a linguagem.

Em um contexto de ensino/aprendizagem, a música é ancorada em um modo de trabalho coletivo e colaborativo, de forma a permitir que crianças e adultos-professores possam idealmente atuar como uma comunidade de estudantes-artistas. Em outras palavras, a música define práticas em que os professores trabalham como facilitadores, cocriadores ou convidados das práticas realizadas pelas crianças: menos a ideia do adulto-professor que "ensina" música do que o adulto-professor que "faz" música com as crianças (Madalozzo, 2022, p. 58). Nesse contexto, a música se apresenta como um bem comum partilhado.



Entendemos que esta música compartilhada se configura como um jogo que a criança estabelece com o mundo: a música é de fato um constante convite ao jogo corporal-musical, pois resume tanto um "jogar com" música quanto um "jogar-se na" música (Madalozzo *et al.*, 2022, p. 107): uma prática comum e imersiva entre crianças e adultos. Nesse sentido, o "jogar-se na" música é uma ação partilhada entre as crianças e os professores (Madalozzo, 2022, p. 57-58). É por essa razão que associamos ao jogo corporal-musical as palavras-chave que citamos acima.

Em um projeto desenvolvido em um contexto de inclusão, como é o caso do SMOOTH, a música tem uma dimensão de expressão artística, mas também uma dimensão pedagógica que citamos; e em uma ação pedagógica, é preciso considerar a importância da aprendizagem. Uma prática musical pode ser significativa a partir do momento em que a criança compreende os elementos formais e técnicos da música (aprendizado musical enquanto apropriação de conceitos). No entanto, uma prática musical também é significativa em função do envolvimento da criança com aquilo que faz musicalmente (o aprendizado musical enquanto vivência) (Madalozzo *et al.*, 2022, p. 115). Com isso, queremos demonstrar que a música é uma peça-chave para se chegar ao objetivo de atingir dimensões de participação, cuidado, partilha, colaboração, para além de uma visão restrita à aquisição de conceitos e técnicas: uma visão que considera o contexto, para além da música como técnica.

A música ocupa um espaço considerável na vida das crianças, e a escola procura abarcar uma parte desse espaço. No contexto de um projeto ligado a uma instituição escolar como o Clube das Crianças, diferentes dimensões da Educação como bem comum são mobilizadas, pois estão absolutamente interligadas a processos musicais criativos e inventivos. É a partir deste conjunto de pressupostos que passamos a analisar o caso.

O Clube das Crianças: a música em um contexto de inclusão

Em Portugal, o Projeto SMOOTH foi desenvolvido em dois polos. No norte do país, o subprojeto coordenado pela Universidade do Minho foi dinamizado por equipes de pesquisadores do Instituto de Educação, com a intervenção social da



equipe de uma Organização Não Governamental da cidade de Guimarães³. A ação foi desenvolvida nas instalações de uma Escola Básica de Primeiro Ciclo do Ensino Básico (equivalente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental) com um grupo de dezoito crianças entre os 8 e os 10 anos de idade em um contexto de educação não formal, já que decorreu em um bloco de tempo destinado a Atividades Livres Supervisionadas (ALS), dinamizadas pela ONG parceira (portanto, em horário de contraturno escolar). A participação nas atividades disponibilizadas pela ONG às crianças neste bloco de tempo não era obrigatória.

Em um diagnóstico feito junto aos professores da comunidade escolar, as crianças que participavam do grupo foram definidas como pertencentes a um cenário marcado pelas questões da pobreza e da exclusão social, apresentando dificuldades no desempenho escolar e na autorregulação emocional que levava a situações de indisciplina e de comunicação violenta e agressiva na escola. Os professores também apontaram a relevância de estas crianças terem um tempo e um espaço para a troca de ideias, desejos, interesses, emoções e preocupações.

Dessa forma, a intervenção foi iniciada com uma fase de identificação conjunta de tais necessidades, proposta pelos investigadores às crianças. Como resultado, o grupo decidiu criar um local específico na escola a ser acessado por todos: um espaço para a discussão de assuntos relacionados com os seus direitos e bem-estar. Para os investigadores, foi aí incluído o objetivo de procurar superar problemas e promover a inclusão social e a cidadania ativa, considerando as dimensões de partilha, cuidado, cooperação e participação.

A proposta materializou-se na governança partilhada: um espaço *das crianças*, e por elas gerido, para a realização de atividades que facilitassem a expressão dos seus interesses, emoções e preocupações, nomeado por elas mesmas como “Clube das Crianças”. Para tanto, em diálogo com a instituição escolar, foi cedido o espaço de uma ampla sala de aula para uso exclusivo nos encontros do projeto. O Clube se tornou um local de referência para as crianças participarem de práticas sociais.

³ Ocultamos o nome do projeto por uma questão de proteção de dados.



A intervenção teve por objetivo a construção de um espaço comum e de coprodução do conhecimento ancorado nos princípios democráticos de liberdade, participação, cuidado, foco, empenho, colaboração e partilha, que estão articulados aos quatro princípios da Educação enquanto bem comum: ser pertinente, viável, eficaz e alcançável – pertinente para os envolvidos, uma alternativa viável às condições existentes, e eficaz no combate às desigualdades, contribuindo para a participação ativa e a inclusão (Bens, 2021, p. 2).

A primeira etapa do Projeto aconteceu entre abril e junho de 2022, e foi seguida de um período de avaliação pela equipe que revelou a dificuldade das crianças em se envolver em processos cooperativos. Com a segunda fase do Projeto, que teve lugar entre setembro e dezembro daquele ano, buscou-se suscitar possibilidades de desenvolvimento de tais competências – e é nesse momento que a música foi incluída e desde cedo se revelou como uma significativa aliada na coprodução de atividades mais includentes e partilhadas.

As atividades de natureza musical foram conduzidas por dois investigadores da equipe e envolveram práticas de canto, de dança e movimento do corpo, de escuta musical ativa, de improvisação e de criação musical, a partir de diferentes repertórios, em um planejamento que incluiu objetivos e conteúdos musicais específicos a serem trabalhados a cada encontro. Ao mesmo tempo, cada uma das propostas foi planejada de modo que a participação suscitasse a atenção e a escuta da expressão do outro, a "escuta" do silêncio e do trabalho colaborativo no uso de materiais compartilhados.

Durante a realização destas atividades, as crianças revelaram interesse e empenho, demonstrando aos adultos intervenientes que a música era uma poderosa linguagem para mobilizar seu interesse e sua participação, bem como fomentar a sua criatividade a partir da partilha e da discussão das diferentes propostas apresentadas. Entre elas, destacamos a potencialidade do trabalho com ritmo, do trabalho coletivo e colaborativo, e do trabalho de escuta. Nos relatórios investigativos, os pesquisadores apontaram que o impacto positivo da música no grupo de crianças foi percebido quando elas atingiram uma harmonia em suas relações sociais (entre pares e com os adultos) que não havia sido conquistada em qualquer momento anterior do projeto de forma tão efetiva.





Figura 2 – Práticas musicais no âmbito do Clube das Crianças. Fonte: acervo dos autores.

Da mesma forma como no início do projeto, quando decidiram criar um espaço para elas mesmas na escola, as crianças também demonstraram o interesse em compor uma música própria (em vez de escolher outra canção representativa), que ficou conhecida como a “Canção do Clube das Crianças”. Este processo se desenvolveu ao longo de 8 sessões, e foi posteriormente considerada uma "boa prática" nos relatórios investigativos.

O trabalho ocorreu em pequenos grupos com um *brainstorming* para a recolha de palavras associadas às práticas musicais anteriores que fossem significativas para as crianças. A partir da diversidade de contributos recebidos, em uma nova sessão, novos grupos foram formados e, com a mediação dos adultos, as próprias crianças organizaram as palavras antes levantadas, montando a letra final em 5 estrofes com rima (uma estrofe por grupo). Na sessão seguinte, as estrofes foram memorizadas pelas crianças. Desde o início, a canção foi associada a uma base de *rap* para responder ao desejo das crianças de fazer uma composição com ritmo marcado.

Ao final, o grupo decidiu gravar a composição, o que foi realizado inclusive com câmeras de vídeo operadas pelas crianças. À gravação seguiu-se um momento de audição em que as crianças julgaram ser necessária uma segunda tentativa de registro do áudio. Com o material em mãos, os investigadores produziram um clipe editado com áudio e imagens, apresentado às crianças no encontro final do Projeto. A atividade foi reveladora do trabalho em equipe, quer entre crianças ou entre crianças e adultos (estes, enquanto mediadores), dando origem a um produto resultante de um trabalho colaborativo a partir do canto coletivo.

Para além de as crianças terem criado um espaço dedicado a elas mesmas na escola, o planejamento, a composição, a gravação e a escuta de sua própria canção contribuíram para a construção simbólica daquele espaço, o que parece ter contribuído para o entendimento da ideia de comunidade pelas crianças.

Canção do Clube das Crianças

É fixe o Clube das Crianças Que é bom criar lembranças. É fixe brincar com emoção Porque fazemos isso com o coração.	É legal cantar É bom dançar. É preciso escutar Crianças devem sonhar.
O Clube das Crianças É muito divertido. O Clube das Crianças É muito colorido.	A diversão está no ar Aqui brincamos sem parar. Com respeito e alegria Vamos brincar.
Vamos brincar Com diversão e emoção. É espetacular Para a tarde alegrar.	E o mundo é de quem? É das crianças! (<i>repete</i>)

Figura 3 – Letra da canção composta pelas crianças. Fonte: acervo dos autores.

É a partir destes apontamentos que passamos a refletir sobre as implicações da experiência investigativa junto ao Clube das Crianças para as discussões sobre a Educação musical em projetos desta natureza.

Questionamentos e novas epistemologias sobre a música e os projetos de inclusão

Consideramos que a infância, a escola, a música e os projetos de inclusão são conceitos e práticas complexos e multifacetados e que, por isso mesmo, devem ser abordados a partir de um olhar crítico, amplo e sensível. Entendemos

que os pressupostos epistemológicos da Educação enquanto bem comum representam uma forma significativa e atual de contribuir com este olhar, uma vez que há um conjunto de orientações globais vigentes que têm vindo a caminhar no sentido de haver uma associação entre as práticas artísticas a serviço dos processos educativos que promovam a inclusão das crianças.

Identificamos um estreitamento conceitual entre as premissas do Projeto SMOOTH e de dois importantes movimentos mundiais: a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU, 2016) e o Relatório da Comissão Internacional sobre os futuros da educação (UNESCO, 2022). Em ambos, há um chamado coletivo para a Educação enquanto bem comum que englobe a educação inclusiva, de qualidade e equitativa, além de promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Assim, construir e promover a comunidade por meio das diferenças é crucial para o desenvolvimento sustentável.

Essas pautas se estendem para as diversas disciplinas, e assim sendo, também para as Artes. Recentemente, a Aliança Mundial para a Educação Artística (WAAE)⁴, entidade que defende globalmente os direitos artísticos, publicou um relatório em que apresenta os resultados da pesquisa WAAE-UNESCO sobre Cultura e Educação em Arte, além das sessões de diálogo ocorridas durante os últimos eventos produzidos pela Aliança. Este relatório, que também resultou de uma pesquisa online sobre Educação artística e cultura com 1.400 participantes do mundo todo, foi enviado aos Departamentos de Cultura e Educação da UNESCO, e trouxe, como reflexões coletivas e preliminares sobre a Educação artística, a afirmação de que "as artes e a cultura são uma componente central de uma sociedade civil eficaz e o seu papel precisa de ser reconhecido, celebrado e promulgado"⁵ (WAAE, 2023, p. 25). No documento afirma-se que, além dos esforços coletivos para que a Arte seja realizada e reconhecida no cotidiano, "as escolas e universidades são locais-chave para os alunos terem acesso à Educação artística"⁶

⁴ A WAAE se constituiu em 2006 como a aliança das quatro das maiores organizações artísticas mundiais. Faz parte dela a International Society for Music Education (ISME). Para saber mais sobre a entidade, consultar <https://www.waae.online>.

⁵ "Arts and culture are a core component of effective civil society and their role needs to be acknowledged, celebrated and enacted". Tradução nossa.

⁶ "Schools and universities are key locations for learners to access arts education". Tradução nossa.

(WAAE, 2023, p. 12). Dessa forma, a Educação artística – e neste caso, a musical – é também um bem comum.

A esse respeito, para discutir as produções no âmbito do Clube das Crianças, consideramos a potência que se encerra nas articulações interdisciplinares: ao longo do processo de intervenção, a música se apresentou como ferramenta potenciadora da inclusão das crianças. Este potencial se estabeleceu quando sustentamos a intervenção a partir de uma imagem de criança como sujeito ativo, criativo, proponente na organização de um trabalho, que, afinal, se refere a uma significativa parte de sua própria vida – o que colabora com uma ação significativa.

Partimos de um ponto de tensionamento originado a partir de investigações iniciais feitas junto à comunidade escolar em que o Clube das Crianças se inseriu. Adultos-professores e funcionários afirmavam que as crianças eram "indisciplinadas, desorganizadas, agitadas, com comunicação violenta e agressiva", e que no lugar disso esperavam que elas "fizessem o esperado" ou que "se portassem socialmente". A música despontou como ferramenta para uma mudança social; no entanto, questionamos o quanto "participar" (no sentido de as crianças se "organizarem", se "concentrarem" e se "comunicarem de forma adequada") era sinônimo de disciplinar, parar, silenciar: foi neste ponto que identificamos o grande desafio que é respeitar a imagem de criança como participante da sua própria produção cultural. Afinal, o conceito que apresentamos de música na infância não parte da organização, do silêncio, da rigidez e da imobilidade.

Ao considerar a Educação musical como bem comum, discutimos aspectos de um trabalho musical criativo e a sua associação com os valores da Educação enquanto bem comum. Da mesma forma, Kioupkiolis (2019, p. 140) discute as suas implicações para a Educação musical contemporânea: para ele, a Educação musical é um bem comum na medida em que é caracterizada por uma ação e por uma organização "mais livre, igual, aberta, diversa, justa, colaborativa e sustentável"⁷ – ou seja, o autor associa todas as dimensões dos *commons*⁸ à Educação musical.

⁷ "[...] freer, more equal, open, diverse, fair, collaborative and sustainable". Tradução nossa.

⁸ Na tradução para o português, "os comuns" ou "os bens comuns".



Kioupkiolis (2019, p. 114) adiciona que estas dimensões emergem em diferentes contextos de Educação musical, ou seja, tanto a partir da "ênfase na reciprocidade, na troca e na criação coletiva na música tradicional" quanto da "partilha aberta, da diversidade e da liberdade de criação individual da música contemporânea" baseada nas ferramentas e nos recursos digitais⁹. Por isso, quando nos discutimos acima o ideal que defendemos de música na infância, nos referimos à expressão, à liberdade, à imprecisão, à exploração, à aleatoriedade e à descoberta musical que configuram o jogo corporal-musical que, por ser "jogo", é uma ação partilhada pela comunidade de estudantes-artistas (incluídos aí as crianças e os adultos-professores).

Assumindo que os bens comuns são recursos partilhados por essa comunidade, baseando-se no diálogo, no apoio e na resolução de conflitos; a partir do estabelecimento de um sistema de governança comum e plural e que considera a importância de as crianças pensarem, sentirem e agirem coletivamente, parece ser evidente o quanto o jogo corporal-musical na infância é um caminho para a construção de uma cidadania ativa na escola – mais horizontal, a partir de relações mais recíprocas e negociáveis entre adultos e crianças; e, portanto, ancorada no diálogo intergeracional e originando um trabalho conjunto (Fernandes, 2021, p. 69). Lembramos que todos estes pontos foram levantados no início do texto, e agora aparecem em convergência a partir da argumentação multifacetada que propusemos.

Ao assumir que as crianças são sujeitos ativos, políticos, capazes e com o direito de estar envolvidos nos processos de construção de conhecimento acerca de si mesmos em que estão inseridos, afirmamos que os adultos assumem igualmente o dever de assegurar tal direito de expressão. Entendemos que a convergência entre os princípios da Educação enquanto bem comum, das agendas internacionais para a educação e para o futuro, dos Estudos da criança e da Educação musical na infância tornam evidente o quanto é possível desenvolver e respeitar a participação, a inclusão, a partilha e o cuidado em um contexto de inclusão permeado pela música.

⁹ "[...] an emphasis on reciprocity, sharing and collective creation in traditional music or as open sharing, diversity and free individual creativity within the commons in contemporary digitally-based music". Tradução nossa.





A composição da Canção do Clube das Crianças se baseou na necessidade da escuta à expressão musical, da atenção ao silêncio, do compartilhamento de materiais e da cessão de espaço e de tempo ao outro; acessou a capacidade de partilha de ideias, a habilidade de comunicação e a escuta ativa; e todas as crianças tiveram oportunidades iguais de participar e de tomar decisões coletivas a respeito da letra e da música¹⁰ (Fernandes *et al.*, 2023, p. 6). Estes são aspectos fundamentais da noção de bem comum, pois dizem respeito a "bens disponíveis a todos os membros de uma comunidade, em contraste com os interesses individuais"¹¹ (Fernandes *et al.*, 2023, p. 2), justamente um dos principais desafios que se esperava serem superados na avaliação inicial do Projeto. Portanto, no Clube das Crianças, o trabalho musical mobilizou uma série de dimensões de cooperação, de criatividade coletiva e de interação.

As atividades musicais de maneira geral, e em especial o processo de composição da Canção do Clube das Crianças, parecem ilustrar de maneira significativa a subdimensão do Projeto de "Colaboração com membros da comunidade local (pais, educadores, praticantes etc.) para o desenvolvimento de atitudes comuns". Entendemos que as práticas musicais contribuíram para o desenvolvimento da educação comum entre pares, nomeadamente por meio de produtos, rotinas, atividades e ferramentas gerados a partir de processos comuns.

Estes bens comuns partilhados se construíram entre todos no Clube das Crianças, o que faz com que a pertença à comunidade também tenha se tornado evidente nas relações que as crianças estabeleceram entre si ao longo do processo: brincar, fazer piadas, conversar, fazer amigos etc. Por isso mesmo, entendemos que a participação é um eixo fundamental em contextos educacionais baseados na promoção dos bens comuns, o que envolve a mobilização de uma vigilância epistemológica do adulto-pesquisador/professor, de modo a assegurar uma

¹⁰ "sharing ideas, communication skills, and active listening. All children had equal opportunities to participate and collectively make decisions about the lyrics and music". Tradução nossa.

¹¹ "[...] goods available to all members of a community, in contrast to individual interests". Tradução nossa.



dinâmica coletiva e intergeracional de coprodução de conhecimento e de governança compartilhada¹² (Fernandes *et al.*, 2023, p. 3).

Ao longo deste texto, procuramos evidenciar o quanto a Educação enquanto bem comum é uma teoria com princípios que ampliam nosso olhar (e nossa escuta) na compreensão da Educação musical em projetos de inclusão – portanto, sendo uma potencial epistemologia para a discussão dessa temática. Kioupkiolis (2019, p. 140) assume um olhar positivo sobre isso ao argumentar que "a prática e os valores da criação musical contemporânea e da educação podem ser associados a movimentos sociopolíticos mais alargados e a aspirações a um mundo melhor"¹³ – justamente o que entendemos ser o foco em um projeto como tal.

Com isso, partindo das palavras de Korsgaard (2019, p. 454), concluímos que a presença da música em projetos de inclusão em contextos de ensino não formal pode ser um ponto de partida para proporcionar experiências em um espaço comum reimaginado na escola.

Apontamentos finais

O Projeto SMOOTH pretendeu reunir diferentes instituições em um trabalho interdisciplinar e intercultural para reverter as desigualdades e promover a inclusão social ativa para crianças e jovens vulneráveis no contexto das intervenções realizadas. Nesse sentido, houve uma dimensão de inclusão social situada no campo empírico, mas também uma dimensão de produção acadêmica e científica associada às equipes de investigação. É a partir dessa segunda dimensão que o conceito de Educação enquanto bem comum foi trabalhado, com a publicação de um conjunto de relatórios de pesquisa¹⁴.

¹² "Therefore, we argue that children's participation is a fundamental axis in educational contexts based on and promoting the common good. However, for this common good to effectively occur, it is necessary to mobilize an epistemological vigilance regarding how it can be put at the service of collective processes of common good construction [...] in collective and intergenerational dynamics of co-constructing knowledge and shared management". Tradução nossa.

¹³ "It could also help to associate the practice and the values of contemporary music creation and education with wider socio-political movements and aspirations to a better world". Tradução nossa.

¹⁴ Sobre isso, consultar as produções científicas do Projeto SMOOTH, todas de acesso aberto, na plataforma Zenodo: <https://zenodo.org/communities/smooth>.

Trata-se, portanto, de um projeto de investigação que teve como objetivo específico a produção de dados junto às crianças e jovens nas intervenções realizadas, em período de tempo pré-determinado em ações de curto ou médio prazo, e que envolveram a aproximação de equipes externas de investigadores às comunidades atendidas. Ainda que estas características não sejam as que tradicionalmente definem projetos sociais segundo a literatura comumente empregada na área (ver Kleber, 2006), entendemos que o caso específico do Clube das Crianças emergiu de uma necessidade percebida no contexto investigativo pelos intervenientes locais, em que logo as crianças apropriaram-se de suas condições de sujeitos ao construir competências de cidadania (tais como a empatia, a colaboração, a partilha, o cuidado): ferramentas básicas que foram mobilizadas com o objetivo de avançar para além dos problemas inicialmente percebidos e, com isso, promover uma transformação social. Portanto, ao analisar o Projeto SMOOTH, partimos de uma visão específica de "projeto de inclusão" que consideramos que merece ser observada e estudada frente às considerações que levantamos neste artigo, e também dado o crescente número de financiamentos dessa natureza, sobretudo no contexto europeu.

Referências

BENS Comuns em Educação e Inclusão Social Ativa. *Apresentação do Projeto Smooth*. Braga, 2021.

CAMARGO, G. B.; GARANHANI, M. C. O corpo criança na travessia da educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*, [s. l.], v. 48, 2022, p. 1-15. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248239129por>>.

CUBASCH, P. Elementares Musizieren oder leibhaftige Bildung mit Musik und Bewegung. *Orff-Schulwerk-Informationen*, [s. l.], v. 62, p. 19-24, 2019. Disponível em: <<http://bidok.uibk.ac.at/library/cubasch-musizieren.html>>.

Educational Common Spaces. Passing through enclosures and reversing inequalities. *Fact Sheet* Project description. European Commission: Cordis, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.3030/101004491>>.

FERNANDES, N. Dos silêncios da Pedagogia aos contributos da Sociologia da Infância ou Sobre os modos de respeitar ontológica e metodologicamente a criança enquanto sujeito ativo de direitos. In: TOMÁS, Catarina; TREVISAN, Gabriela (Org).

Sociologia da Infância em Portugal - memórias, encontros e percursos. Lisboa: APS, 2021, p. 61-79. Disponível em: <<https://doi.org/10.30553/FOQU1508>>.

FERNANDES, N. *Lição*. Apresentada para as Provas de Agregação em Estudos da Criança - Área de Especialização em Infância, Cultura e Sociedade. Universidade do Minho, 2022.

FERNANDES, N.; SARMENTO, T.; BARRA, M.; SILVA, D.; MARTINS, F.; CASANOVA, J. R. Co-creation of educational commons spaces to reverse inequalities: project SMOOTH and the Children's Club. *Frontiers in Sociology*, [s. l.], v. 8, e1235782, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.3389/fsoc.2023.1235782>>.

HALSTED, M. Liberalism, Multiculturalism and Toleration. *Journal of Philosophy of Education*, [s. l.], v. 30, n. 2, jul/1996, p. 307-313. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1467-9752.1996.tb00400.x>>.

JØRGENSEN, C. R.; WYNESS, M. *Kid Power, Inequalities and Intergenerational Relations*. Londres: Anthem Press, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/j.ctv1pdrdt>>.

KIOUPKIOLIS, A. The Commons and Music Education for Social Change. *European Journal of Philosophy in Arts Education*, [s. l.], v. 4, p. 111-146, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5281/zenodo.3674136>>.

KLEBER, M. O. *A Prática de Educação Musical em ONGs dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

KORSGAARD, M. T. Education and the concept of commons. A pedagogical reinterpretation. *Educational Philosophy and Theory*, [s. l.], v. 51, n. 4, p. 445-455, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00131857.2018.1485564>>.

KOSTAKIS, V.; BAUWENS, M. *How to create a thriving global commons economy*. New systems, possibilities and proposals. Zenodo, 2019. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/3924300>>.

LUNDY, L.; MCEVOY, L. Children's rights and research processes: assisting children to (in)formed views. *Childhood*, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 129-144, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0907568211409078>>.

MADALOZZO, T. CriAtividade na educação musical: para pensar as pedagogias ativas e criativas um século depois. In: ROSSETO, R.; VASCONCELLOS, S. T. (Org.). *Arte, educação e formação docente* textos escolhidos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 45-62. Disponível em: <<http://doi.org/10.51795/9786558699491>>.

MADALOZZO, T.; MADALOZZO, V. D. A. B.; PRODÓSSIMO, A. H. S.; FREITAS, C. W. S. F. Culturas da infância na educação musical: o jogo corporal-musical e a aprendizagem. In BULATY, A.; SILVA, M. O. da; MADALOZZO, T. (Org.). *A(s) infância(s)*

olhares e escutas sobre formação, práticas e políticas. Santa Maria: Arco Editores, 2022, p. 104-121. Disponível em: <<http://doi.org/10.48209/978-65-5417-019-5>>.

MADALOZZO, T. Creative listening in music education: children engaging their entire moving bodies. In: MURILLO, A. et al. (Org). *Exploring creativities*. Creation as a strategy for learning music and the arts. València: EdictOràlia, 2023. p. 197-219.

OECD - Organisation for Economic Co-operation and Development. *Education at a Glance 2018* OECD Indicators. Paris: OECD Publishing, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1787/eag-2018-en>>.

ONU - Organização das Nações Unidas. *Objetivos de desenvolvimento sustentável*. 17 objetivos para transformar o nosso mundo. Nações Unidas: Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental, 2016. Disponível em <<https://unric.org/pt/Objetivos-de-Desenvolvimento-Sustentavel/>>.

PATO, J.; SCHMIDT, M.; GONÇALVES, M. E. (Org). *Bem Comum* Público e/ou Privado? Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/22896>>.

PECHTELIDIS, Y.; KIOUPKIOLIS, A. Education as commons, children as commoners. The case study of the Little Tree Community. *Democracy and Education*, [s.l.], v. 28, p. 1-11. Disponível em: <<https://democracyeducationjournal.org/home/vol28/iss1/5>>.

SANTOS, B. de S. *Construindo as Epistemologias do Sul* Antologia Essencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. MENESES, M. P. et al. (Org). Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SARMENTO, M. J. Culturas Infantis / Children's Cultures. In: TOMÁS, C. et al (Org.). *Conceitos chave em Sociologia da Infância*. Perspetivas globais. Braga: UMinho, 2021. p. 179-185.

TESAR, M. Childhood undergrounds: Power, resistance, secrets, objects and subversion in early childhood education. *Early Childhood Folio*, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 22-26, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.18296/ecf.0033>>.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Reimaginar nossos futuros juntos* um novo contrato social para a educação. Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022.

WAAE Executive Council. *Report for the Development of the UNESCO Framework for Culture and Arts Education*. WAAE, 2023. Disponível em <https://www.waae.online/uploads/1/2/9/2/129270960/final_waae__unesco_survey_18_05.pdf>.

WYNESS, M. Children's participation and intergenerational dialogue: Bringing adults back into the analysis. *Childhood*, [s. l.], v. 20, n. 4, p. 429-442, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0907568212459775>>.



Financiamento

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Projeto SMOOTH - Educational commons and active social inclusion (Ref. ID: 101004491), financiado pelo Programa Horizon 2020 da União Europeia. Os autores são financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, através de uma bolsa de doutoramento da autora Vivian Madalozzo (UI/BD/154433/2022), pelo Centro de Investigação em Estudos da Criança (UIDB/00317/2020 e UIDP/00317/2020) e pelo Centro de Investigação em Educação (UIDB/01661/2020 e UIDP/01661/2020), Instituto de Educação, Universidade do Minho, através de fundos nacionais da FCT/MCTES-PT.

Vivian Dell’Agnolo Barbosa Madalozzo é doutoranda em Estudos da Criança na área de Infância, Cultura e Sociedade pelo CIEC - Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Portugal. É bolsista de investigação e desenvolvimento pela Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT/Portugal); membro do Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho; e professora dos cursos de Música da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Participou no Projeto SMOOTH – Educational commons and active social inclusion (H2020) como convidada e foi fundadora e professora da Alecrim Dourado Formação Musical (2010-2023), em Curitiba-PR. É mestre em Música - Cognição musical (UFPR) e licenciada pela mesma instituição em Educação Musical. Tem interesse nas áreas de educação musical na infância, participação infantil em música e formação de professores.

<http://lattes.cnpq.br/8381102858497297>

Tiago Madalozzo é doutor em Música, com Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná e Pós-doutoramento em Estudos da Criança pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho. Foi professor adjunto do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Paraná - campus de Curitiba II (2014-2023), professor colaborador do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Paraná (2010-2012) e professor de musicalização infantil e iniciação musical para crianças de 0 a 8 anos na Alecrim Dourado Formação Musical (2010-2017), em Curitiba. Atuou no apoio a atividades de investigação do Projeto SMOOTH (UMinho). É pesquisador do Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Formação Docente - GAÉFO (UNESPAR) e do Educamovimento / Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil - NEPIE (UFPR). É coeditor da Revista Música na Educação Básica (ABEM) e membro do Conselho Editorial do International Journal of Music in Early Childhood (Intellect). Tem interesse nas áreas de educação musical na infância, música nas culturas infantis e escuta musical ativa.

<http://lattes.cnpq.br/9146356797400658>

Natália Fernandes é professora associada com Agregação, Universidade do Minho, Instituto de Educação, investigadora interna do Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, investigadora no Laboratório Colaborativo ProChild - Against Poverty and Social Exclusion e membro integrado do CIEC. Tem desenvolvido investigação na área da sociologia da infância, com foco na investigação sobre os direitos das crianças, os novos paradigmas de investigação com crianças e com as questões éticas que as envolvem. É fundadora e membro da direção da CREAN (Children's Rights European Academic Network). Atualmente, integra dois projetos de investigação: coordena a equipe da UMinho no projeto SMOOTH e participa como investigadora no Projeto COST - Multi-Sectoral Responses to Child Abuse and Neglect in Europe: Incidence and Trends, que tem como entidade coordenadora a Ulm University. Os dois projetos têm financiamento do Programa Horizonte 2020.

<https://www.cienciavita.pt/portal/F11F-1180-3A6A>

Joana R. Casanova é investigadora integrada do Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho. Realizou o pós-doutoramento no Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho, no âmbito do Projeto SMOOTH. É doutora em Ciências da Educação, especialidade Psicologia da Educação, pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho, tendo realizado um projeto acerca do abandono acadêmico dos estudantes do 1º ano do Ensino Superior, com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia. É mestre em Psicologia Clínica e da Saúde e Psicóloga, membro efetivo e especialista em Psicologia Clínica e da Saúde da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Tem experiência docente no Ensino Superior, nas áreas da Psicologia da Educação e da Metodologia de Investigação e é formadora do Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (Formação de Professores) nas áreas da Psicologia, Psicologia da Educação e Metodologia de Investigação em Educação. É autora e coautora de comunicações, artigos e capítulos publicados em revistas científicas portuguesas e internacionais.

<https://www.cienciavita.pt/portal/D61A-C443-E18B>